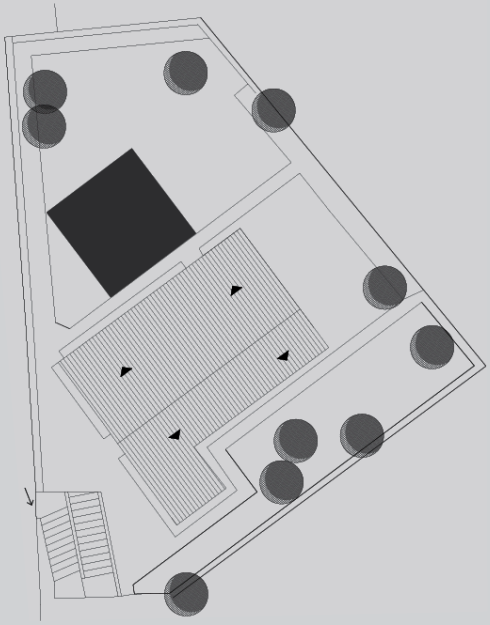
Patrimônio Incerto



Beto Shwafaty

Patrimônio Incerto

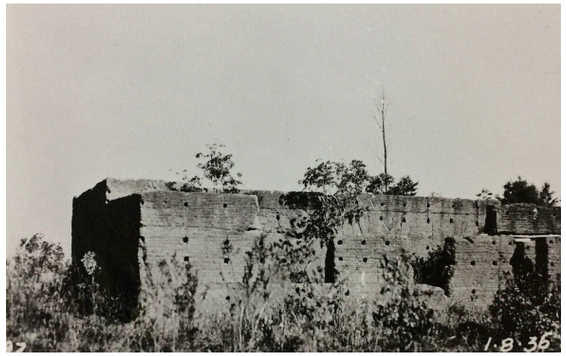
Beto Shwafaty

Patrimônio Incerto
Beto Shwafaty

Curadoria
Daniela Bousso

23 Junho - 20 Outubro 2024

Capela do Morumbi
Museu da Cidade de São Paulo


1.8.36

Patrimônio Incerto
por Daniela Bousso

Beto Shwafaty é um artista de sólida formação no campo da arte e fez os seus estudos no Brasil, na Alemanha e na Itália. Ele atua na intersecção das diferentes linguagens das artes visuais. A produção de obras de natureza híbrida e multidisciplinar inclui vídeos, instalações, esculturas, objetos, intervenções urbanas, curadorias, publicações e textos.

O seu trabalho objetiva provocar a reflexão sobre os processos de modernização e progresso, com relação a heranças históricas e coloniais e ao Capitalismo. Isto envolve o pensar sobre povos originários, trabalho escravo, monoculturas, processos de industrialização, histórias de massacres, expropriações e genocídios, ou, ainda, catequeses culturais e religiosas e sobre a falta de planejamento urbano em cidades como São Paulo. De que maneira as cidades se estruturaram durante o passado colonial no Brasil? Quais os legados, os prós e os contras das ações de modernização que se sucederam em nosso país?

Focada nos cruzamentos entre justiça social e questões ambientais, a sua obra estabelece conexões imediatas entre os impactos gerados pelo desenvolvimento tecnológico e as alterações climáticas, entre sociedade e cidades, migrações e construções urbanas.

Uma das vertentes do trabalho de Beto Shwafaty articula-se em diálogo com a arquitetura da esfera pública e com o design, não somente como denúncia, mas para evidenciar urgências, tais como a reparação das consequências que o avanço tecnológico e o progresso, tônicas das pesquisas e dos discursos da modernidade, geraram ao longo dos séculos.

Ao pensar estes processos em que a cidade de São Paulo se inclui, o artista aplica este raciocínio crítico à instalação agora apresentada na Capela do Morumbi, onde novos assuntos foram engendrados para abordar questões como patrimônio incerto ou indefinido, história, o Antropoceno, arquitetura, colonial ou não?

No caso da Capela, desconhecemos qual teria sido o destino inicial de sua construção. Encontrada em ruínas antes de ser restaurada pelo arquiteto Gregori Warchavchik, ela configura um patrimônio indefinido na cidade. A despeito de uma história inacabada, quantas novas histórias podem ser contadas, quantas ficções, quanta especulação pode ser atrelada a este desamparo da história? Patrimônio incerto, na Capela do Morumbi em

São Paulo, 2024, abrange vários focos socioculturais, a despeito do que vivenciamos em situações “próximas e urgentes”, diz Beto Shwafaty.

Várias narrativas resultam de uma investigação artística incansável, pois Beto precisou pesquisar muito, para contornar uma série de questões relativas à conservação do patrimônio, para configurar a mostra. As obras aqui apresentadas passaram pela análise de viabilidades técnicas e de produção em relação à arquitetura e à preservação da Capela. Elas desvelam uma trama complexa entre economia, sociedade, culturas e natureza. Estas questões estão refletidas nas obras Embargo, Nem sempre novos ares são bons ares,Capital natural e Expectativas Futuras, compondo camadas múltiplas, por vezes invisíveis.

Uma grande corrente com uma talha está suspensa ao fundo da capela. Cordas sustentam a obra formando desenhos com curvas no chão. A corrente de grande porte, instalada na dimensão dos nossos corpos, nos coloca diante da ideia de um passado, que envolve a força do trabalho humano como medida produtiva e unidade de consumo. E ainda nos remete a navios, ou a situações em que escravos eram acorrentados.

São imagens mentais que provém de uma história mal contada, de filmes, de livros ou de artistas viajantes como Debret, que retratou a vida e o cotidiano brasileiros durante a colonização. Elas estão em nossas mentes e povoam o nosso imaginário. Elas são o elo com uma natureza que sustentou este ciclo, elo este que fica visível na exposição, pela escolha de materiais naturais como as cordas de sustentação em juta, sementes ou grãos.

Outra camada intrigante é a obra Nem sempre novos ares são bons ares, que evoca o que está visível e o que não está visível nas imagens transparece na instalação, para criar metáforas sobre o clima. De volta à dimensão do corpo humano, o clima ambiental e o clima social se mesclam: rolou um clima, diz Beto Shwafaty, criando uma atmosfera que articula natureza e humor. A obra faz uma ligação entre 1888, ano da abolição dos escravos, e o ano de 2024.

O artista pesquisou qual era a condição meteorológica de 1888 e a de agora, criando um arco de tempo que fricciona a ideia de clima e natureza entre as duas épocas. Um aparato técnico á alocado na vitrine busca replicar as condições de temperatura e umidade da média climática de 1888.

Como a vitrine tem aproximadamente 1.90 metro de altura, ela fica corpo a corpo com o visitante, o que lhe dá a sensação de incômodo diante da imagem de seu corpo refletido na vitrine. O encontro da imagem do espectador com o aparato técnico traz a dimensão de manipulação do clima ambiental, metáfora que se expande para a ideia de que o clima social também pode ser manipulado. A obra tem a intenção de criar consciência de que os climas estão sujeitos a manipulações que não são passíveis de controle. Eis as camadas visíveis e invisíveis nos projetos de Beto Shwafaty, que o espelhamento da vitrine intensifica.

A obra Expectativas Futuras, realizada com grãos de café, moedas fora de uso, conchas de búzios, dentes de resina e pedras, integra os conteúdos que referem a monocultura e o avanço do capital em São Paulo. Os materiais que compõem a obra articulam com clareza a relação agricultura - capitalismo, terra - território, plantio - monocultura e aludem à existência de um eixo de exploração que permeia o universo agro.

Durante o processo de desenvolvimento da exposição Patrimônio Incerto, vários diálogos foram travados entre artista e curadora a respeito de monoculturas como a Soja e sua manipulação pelo homem, pois é o carro-chefe da economia agrícola no Brasil. Ausente na mostra devido ao vazio sanitário, período em que não se cultiva a soja, sua memória interessa ao artista como metáfora e materialização dos ciclos de exploração e consumo agrícola, que caracterizam as monoculturas no Brasil.

Embora a Soja pensada pelo artista anteriormente para compor a mostra esteja fisicamente ausente, a agropolítica e as questões de biopoder estão claras nas obras expostas. Elas aludem à relação valor versus destruição e iluminam o ciclo vicioso e capitalista de “extração e acumulação primitiva pela voracidade do consumo”, afirma Beto.

Capital Natural - que denomina mais uma obra, é um termo utilizado pela ONU desde os anos 1970 para descrever elementos da natureza que proporcionam benefícios importantes, chamados de serviços ecossistêmicos. Considerada como uma fonte de capital renovável, corresponde às necessidades de renovação de recursos naturais para a manutenção do fluxo da vida. Com a forma de um canteiro de semeadura de várias espécies como plantas pioneiras, agrícolas, frutíferas e selvagens, a obra configura um campo de liberdade para a coexistência de diferentes espécies da natureza.

Não haverá intervenções humanas neste canteiro ao longo da duração da mostra, para permitir que a natureza flua.

Diante destas narrativas e materiais articulados, vale indagar de que forma as nossas heranças culturais incidem na formação de tecidos sociais, espaciais, culturais e públicos na atualidade? Quais os impactos da ação do homem na natureza e no meio ambiente?

Nesta exposição, os binômios tecno-científico e progresso-destruição são vistos como força que altera o meio ambiente e as relações socioculturais. Eles estão presentes como metáforas, como resultado do processo moderno-colonial que incide sobre patrimônio e história. As pesquisas de Beto Shwafaty enriquecem não apenas o propósito da existência desta capela, que o artista guarnece com mais uma vida e com ativações, mas também com o vislumbre de se cravar mais uma razão de ser da arte. Talvez aqui encontremos um tempo para refletir sobre possibilidades de mudarmos o rumo desta história.

Pesquisa
Imagens
Conceitos

Morumbi
Soja
Fazenda
Erosão
Agricultura
Desmatamento
Ciência
Colônia
Clima
Urbanismo
Solo
Progresso
Tecnologia
Violência

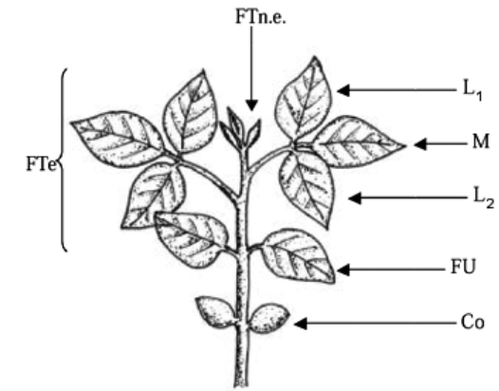
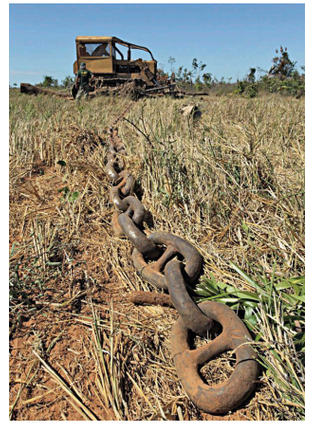


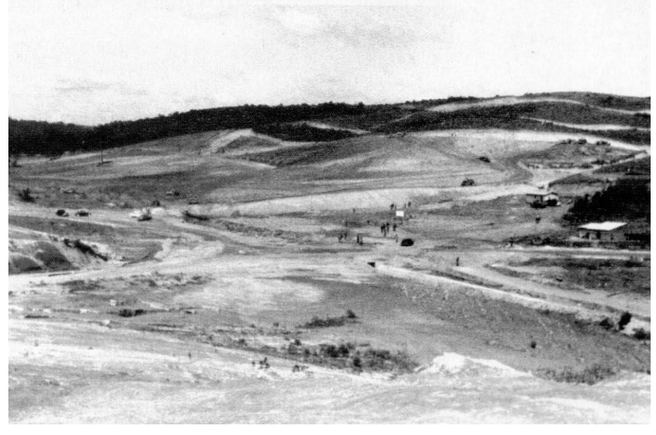
Figura 1. Planta de soja: Co – cotilédone, FTe – folha trifoliolada, totalmente expandida, FTn.e. – folha trifoliolada, não totalmente expandida, FU – folha unifoliolada, L1 e L2 – folíolos laterais; M – folíolo mediano.







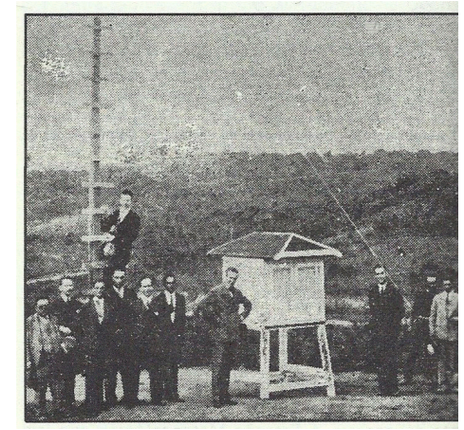


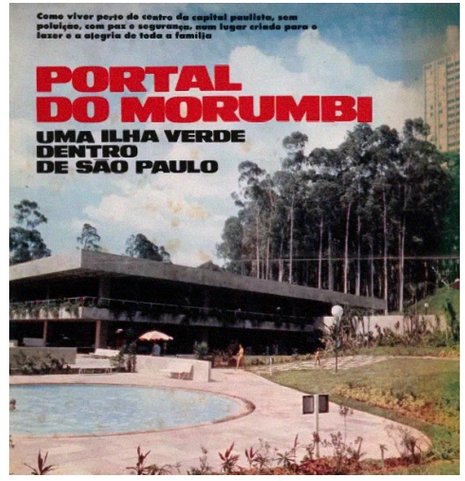


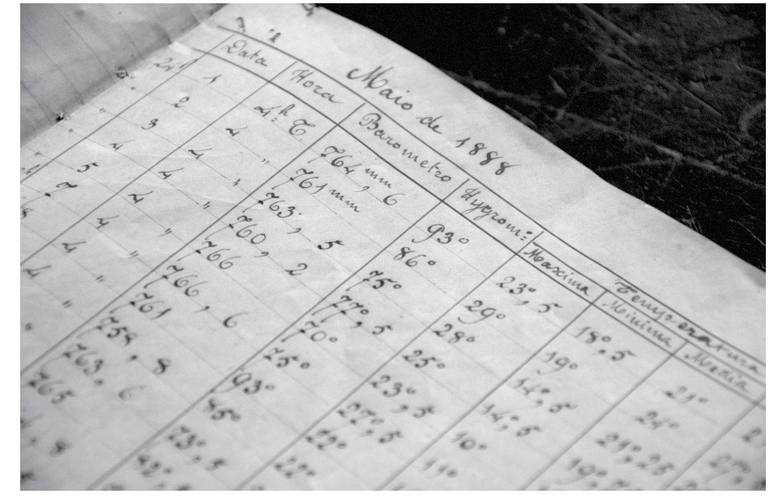






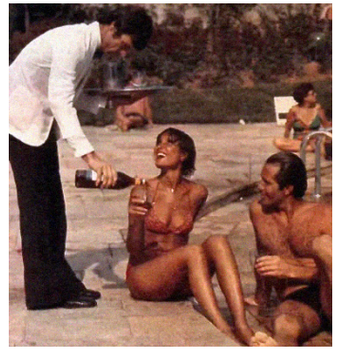



Como viver perto do centro da capital paulista, sem poluição, com paz e segurança, num lugar criado para o lazer e a alegria de toda a família
PORTAL DO MORUMBI
UMA ILHA VERDE DENTRO DE SÃO PAULO


Maio de 1888
Data
Hora
Barometro
Hygrometro
Thermometro exterior
Maxima
Minima
Media



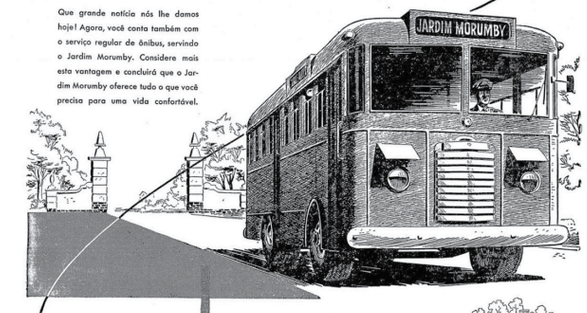

estádio
DO ZERO
AO INFINITO



Inaugurada a linha de

ÔNIBUS JARDIM MORUMBY *

Que grande notícia nós lhe damos hoje! Agora, você conta também com o serviço regular de ônibus, servindo o Jardim Morumby. Considere mais esta vantagem e concluirá que o Jardim Morumby oferece tudo o que você precisa para uma vida confortável.



1 Acesso pelo Brooklyn quase totalmente asfaltado.

2 Tôdas as ruas asfaltadas.

3 Luz - água - telefone.

4 Guias e sarjetas colocadas - Galerias para águas pluviais já colocadas.

* **5** Condução - Serviço regular de ônibus partindo da Rua Iguatemy esq. Av. Europa, de 1/2 em 1/2 hora.

E FINANCIAMOS SUA CASA PRÓPRIA!

É uma chance que a Cia. Imobiliária Morumby lhe oferece e você não deve perder! Venha hoje dar uma volta pelo Jardim Morumby, escolha o seu lote e comece a pensar na casa dos seus sonhos... O financiamento nós garantimos!

NÓS IREMOS BUSCÁ-LO

Se você desejar escolher o seu lote no Jardim Morumby, e não dispuser de condução, telefone para 32-9579 ou 37-2918 e um de nossos corretores o levará de auto até o Jardim Morumby e de volta à sua casa.

No Jardim Morumby, oferecemos lotes excepcionais, em prestações mensais a partir de

Cr$ 1.722,20

com financiamento de 15 ANOS

CORRETORES DIÁRIAMENTE NO LOCAL

Vendas exclusivamente a cargo da

CIA. IMOBILIÁRIA MORUMBY

Titular: Luiz Alberto Caldas de Oliveira - do Sindicato dos Corretores de Imóveis - Depto. de Vendas: Rua da Consolação, 65 - 4.º - Telefones: 32-9579 e 37-2918

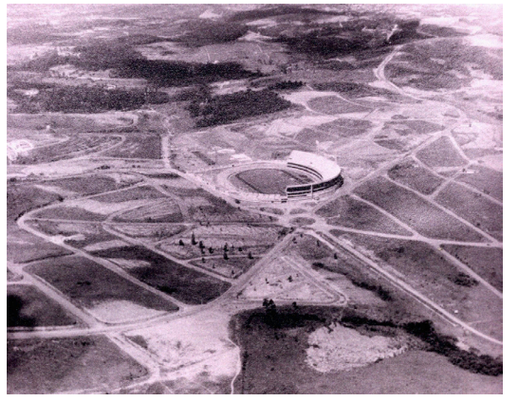
FOLHA DA MANHÃ, domingo 23 de outubro de 1955 — Anúncios Especializados — II — Pag. 39





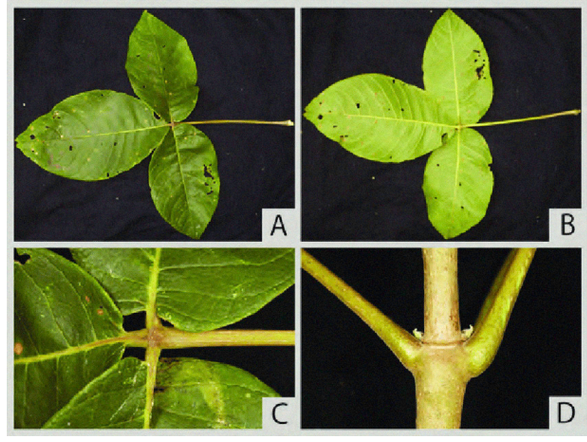










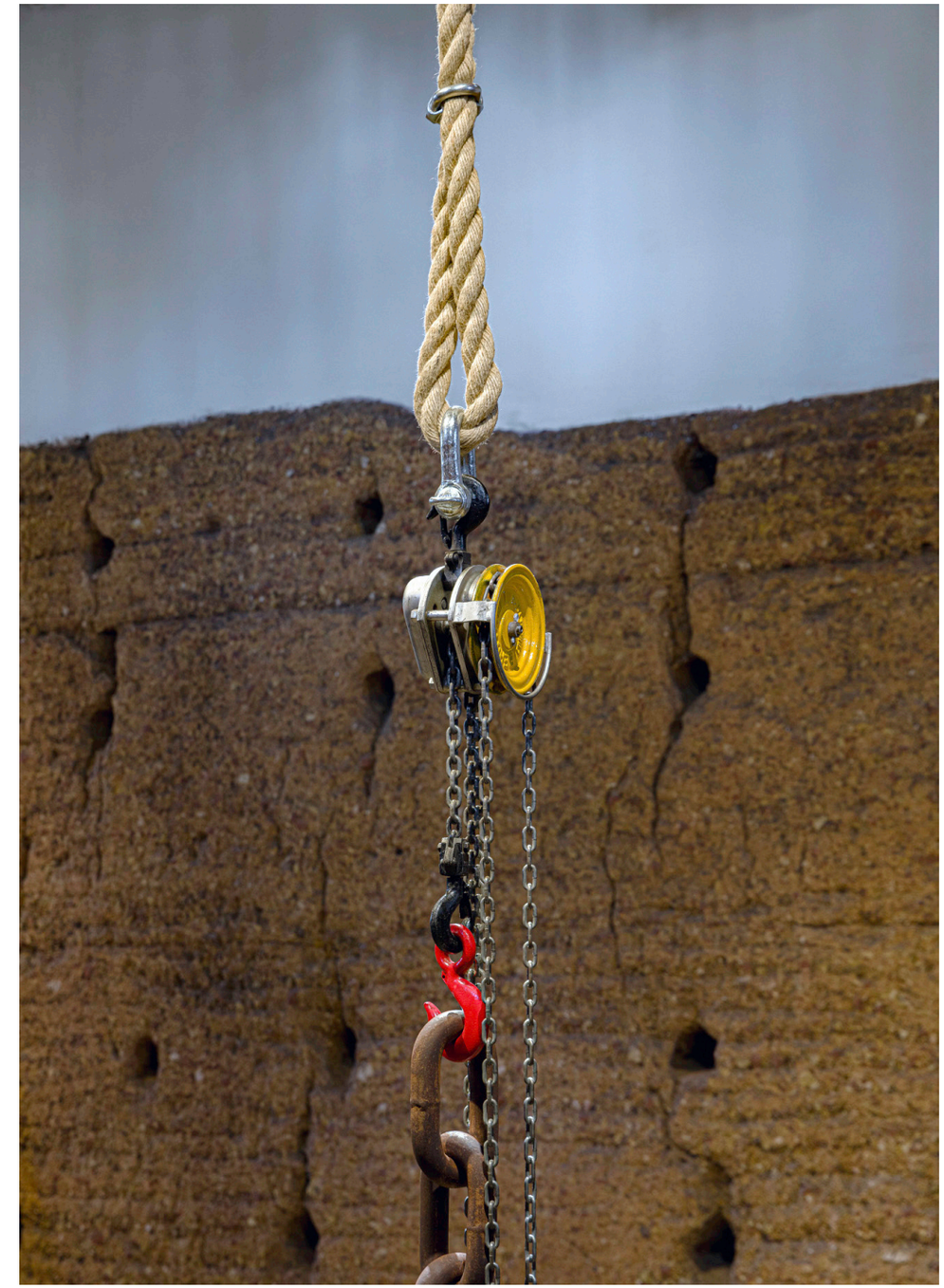

A
B
C
D





Patrimônio incerto
Obras e intervenções

Capela do Morumbi
Museu da Cidade de São Paulo



Embargo, 2024.
Corrente de ferro, talha de corrente manual, ganchos de segurança, anilhas e clips de metal, corda de fibra natural (juta). Dimensões variáveis.

As sociedades humanas sempre utilizaram cordas produzidas com fibras naturais. Até 1930 o Brasil dependia exclusivamente da juta importada da Índia para confeccionar sacas para exportação agrícola. Posteriormente a juta foi introduzida por imigrantes japoneses na Região Norte do Brasil, às margens dos rios Solimões e Amazonas, constituindo uma das principais atividades econômicas dos ribeirinhos e da região. Um hectare de juta absorve cerca de 15 toneladas de dióxido de carbono e emite 11 toneladas de oxigênio a cada temporada. De acordo com relatório da Research and Markets, o mercado mundial de sacolas de juta alcançou US$ 1,7 bilhão em 2020 e pode chegar a US$ 3 bilhões até 2024, devido a crescente renúncia ao plástico de uso único. O estado do Amazonas ainda é o maior produtor de fibras naturais do Brasil, responsável por 11 mil toneladas de juta e malva, que atende a pouco mais da metade de demanda interna pelo produto, e 9 mil toneladas são importadas anualmente da Índia, que continua sendo o maior produtor mundial desse produto natural.

Talhas servem para içar uma carga impossível de ser movida pelo corpo humano. Existem diversos registros antigos desse dispositivo que utilizava cordas de fibra natural, força animal, humana ou hidráulica. A talha desempenha papel fundamental no aumento da escala de ação do homem sobre o mundo e pode ser vista como um índice das complexas relações que nascem com as navegações e expansões coloniais, participando da construção de infraestruturas de conquista e exploração que resultariam na consolidação do sistema capitalista global contemporâneo.

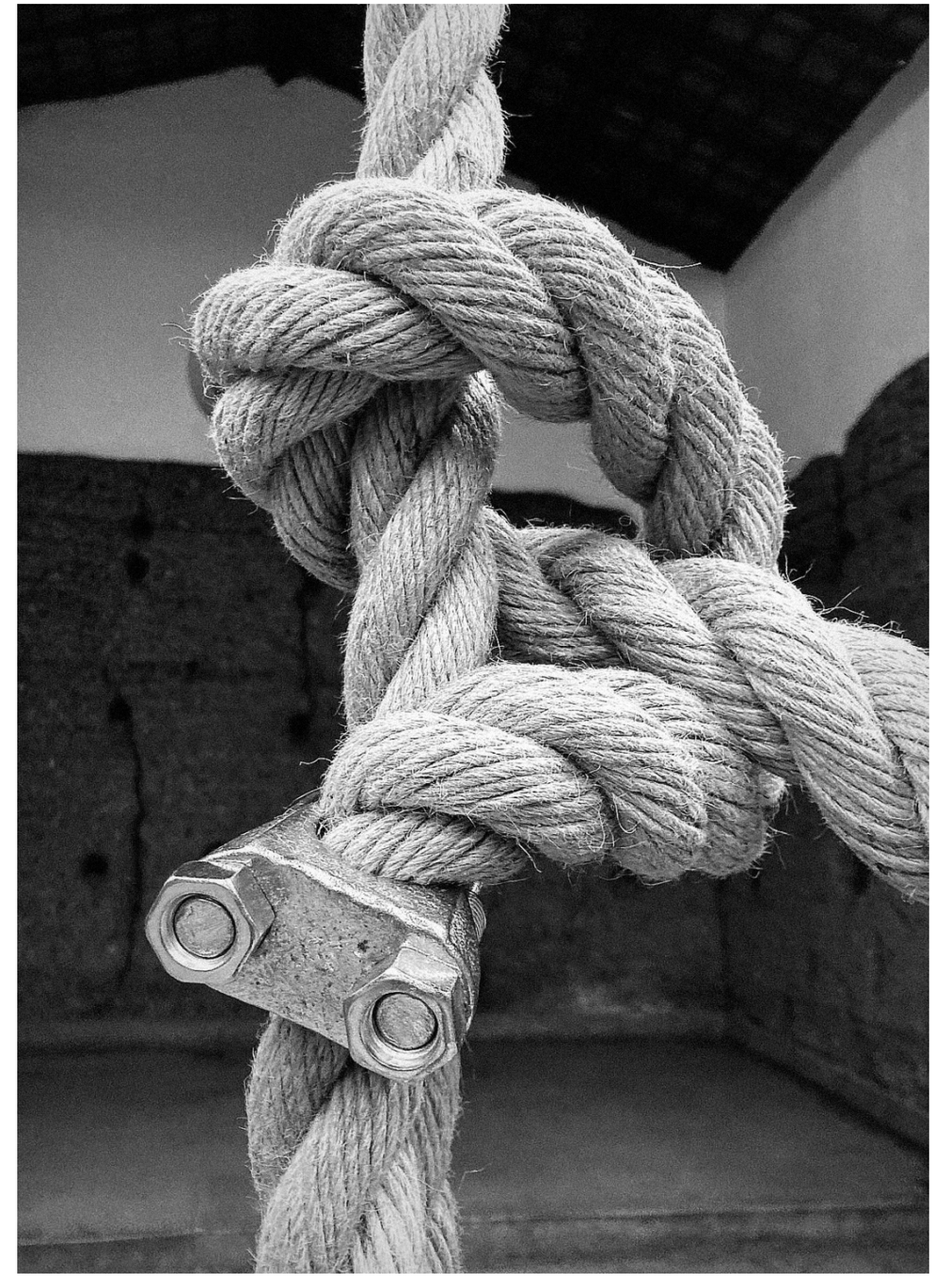
Correntes estiveram presentes em muitas sociedades desde a antiguidade, mas foi somente no século XVI que os primeiros modelos metálicos começaram a ser conjugados a dispositivos mecânicos de maior escala, servindo desde o período colonial-escravocrata em diversas áreas econômicas e sociais. A técnica que utiliza correntes nos desmatamentos, para a criação de pastos e áreas agrícolas - denominada popularmente de correntão - é a mais agressiva utilizada no deflorestamento: uma corrente grande e resistente, cujos elos podem alcançar até 40 cm de comprimento, tem suas extremidades presas a dois tratores de esteira que, quando colocados em movimento, arrastam a corrente derrubando e aniquilando toda a vida encontrada no percurso. No Brasil seu uso é considerado crime ambiental por lei, mas em 2016 foi autorizada no estado de Mato Grosso através da revogação de um artigo pela Assembleia Legislativa local. “Do correntão não escapa nada, nem fauna, nem árvore” afirmou Luciano Menezes Evaristo (diretor de Proteção Ambiental do Ibama) diante da observação de dados coletados por satélite pelo Inpe, onde foi auferido que o Mato Grosso figura entre os maiores desmatadores da Floresta Amazônica, juntamente com os estados do Pará, Amazonas e Rondônia.

De acordo com o Fórum Econômico Mundial, mais da metade do produto interno bruto total mundial, ou US$ 44 trilhões, envolve atividades que são moderada ou altamente dependentes da natureza. Nos últimos 150-200 anos, aproximadamente 60% da superfície da terra foi alterada, principalmente pela agricultura. Segundo o MapBiomas, a área de cultivo agrícola no Brasil aumentou 41,9 milhões de hectares entre 1985 e 2022 – uma expansão equivalente a duas vezes a área do Paraná.









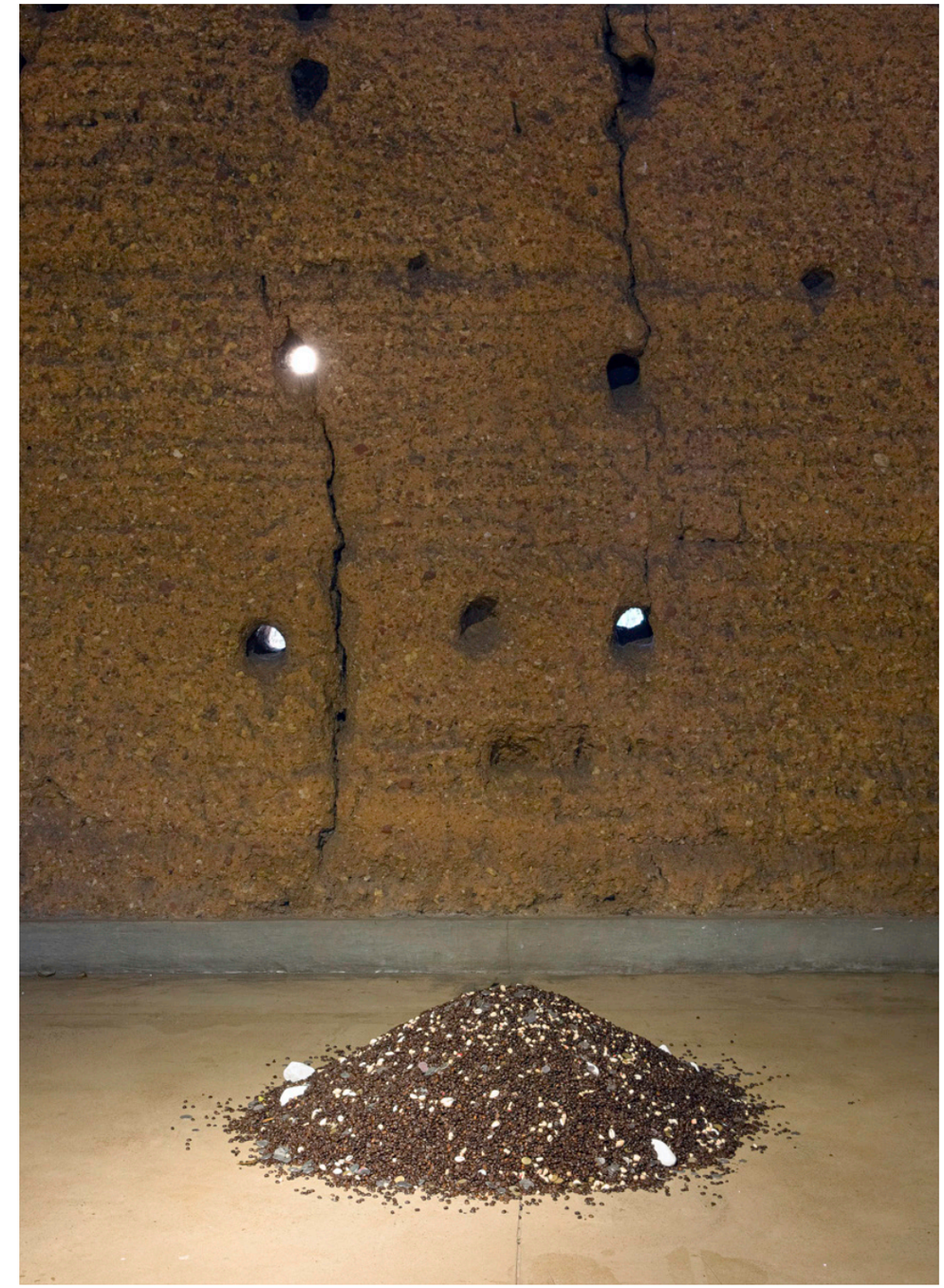


Expectativas Futuras I, 2024.
Grãos de café torrado, seixos, moedas, conchas de búzios, próteses dentárias. Dimensões variáveis.

Moeda-mercadoria é aquela cujo valor corresponde a própria mercadoria da qual ela é feita, e sua utilidade para negociação se dá devido a seu valor de uso: a utilidade que o produto pode trazer para quem vai recebê-lo. Ao longo da história diversos materiais animados ou inanimados serviram ao propósito de mediar trocas e valores: pedras, minerais, grãos, sementes, animais, produtos manufaturados, escravos, conchas e até dentes.

Para muitas culturas o uso de objetos como moeda não se dava apenas devido a seu valor de uso, mas também eram associados à crenças e forças extra-humanas, como a obtenção de poder, fertilidade, longevidade, clarividência, predição, sorte etc. Conchas de búzios, sementes de cacau, pedras de jade, sal e dentes - dentre tantos outros - figuram nessas categorias. Com o aprimoramento dessa dinâmica e do escambo, desenvolve-se a moeda fiduciária em metal e depois papel moeda, utilizada atualmente.

Em 2020 a fintech Agrotoken foi fundada no Brasil e Argentina, propondo utilizar a tecnologia blockchain para “digitalizar” grãos físicos, transformando-os em agrotokens que podem ser utilizados como crédito para realizar operações comerciais e financeiras. Os valores são atrelados ao preço das commodities (o token SOYA, por exemplo, tem seu valor atrelado ao de uma tonelada de soja). O Banco do Brasil criou, numa parceria com essa fintech e a VISA, a plataforma Broto. Nela, o usuário seleciona os itens desejados e opta pelo pagamento com grãos. A partir daí, “um processo fluido é iniciado, culminando na tokenização dos grãos e no pagamento da transação”. O uso da tecnologia vem sendo, assim, aplicado para desenvolver uma solução que permite, hoje, um processo de pagamento baseado em expectativas de lucros e valores futuros sobre a produção de grãos ainda inexistentes.








low
51
58
%
high
61
CALIBRATED
low
20.1
21.9
°C
high
22.6
CALIBRATED
C/F

Nem sempre novos ares são bons ares, 2024.
Vitrine museológica composta por vidro e alumínio, sistema autônomo de climatização e controle microclimático.
125 x 100 x 185 cm.

1859. O químico irlandês John Tyndall realiza experimentos que comprovaram que alguns gases - como o gás carbônico e o metano - agem como reguladores da temperatura da Terra. Correspondências da época mostram que Tyndall estava particularmente intrigado pelas teorias sobre a glaciação feitas por Louis Agassiz.

1865. O zoólogo, glaciologista e geólogo suíço Louis Agassiz lidera a Expedição Thayer, que consistia no registro de tipos raciais brasileiros do Rio de Janeiro e da Amazônia. Um dos promotores e principais defensores do racismo científico e do criacionismo no século XIX, ele julgava os negros inferiores e considerava a miscigenação um fator de degeneração da humanidade. Com a expedição fotográfica ele pretendia comprovar que negros e brancos, pertencentes a raças diferentes, não podiam habitar o mesmo espaço. A série fotográfica realizada está no museu Peabody, em Harvard, e nunca foi mostrada.

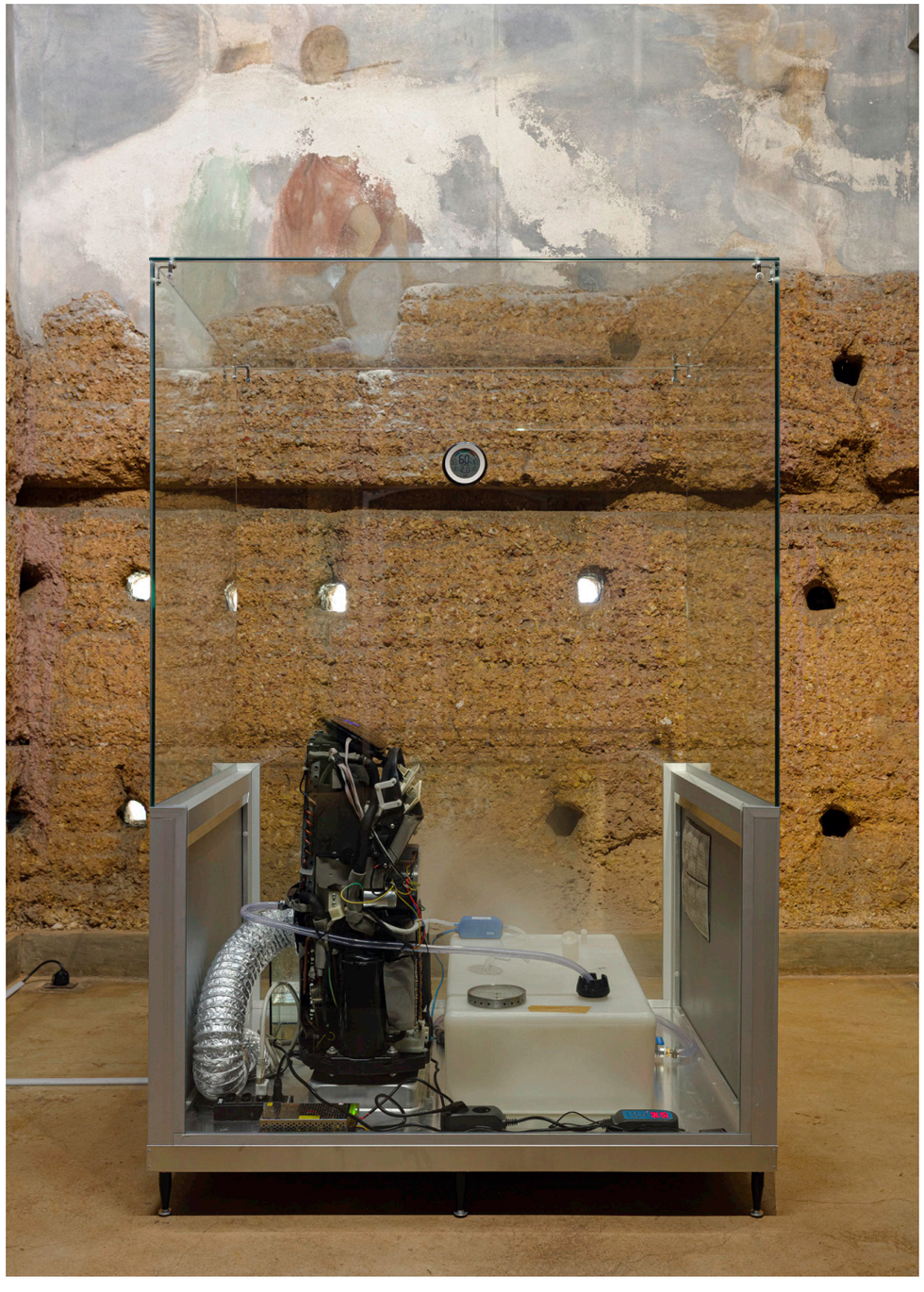
1880. André Rebouças, um engenheiro negro, funda a Sociedade Brasileira contra a Escravidão ao lado de figuras como Joaquim Nabuco e José do Patrocínio. Rebouças defendia a criação de um imposto sobre terras improdutivas que ajudasse na inclusão social da população negra através de uma reforma agrária que permitisse a concessão de terras aos libertos e a implementação de uma “democracia rural”. O movimento republicano realizou acordos com os latifundiários para não mexer na propriedade rural em troca de apoio para a derrubada da monarquia e proclamação da república, minando a ideia de reforma agrária racial defendida pela Sociedade Brasileira contra a Escravidão.

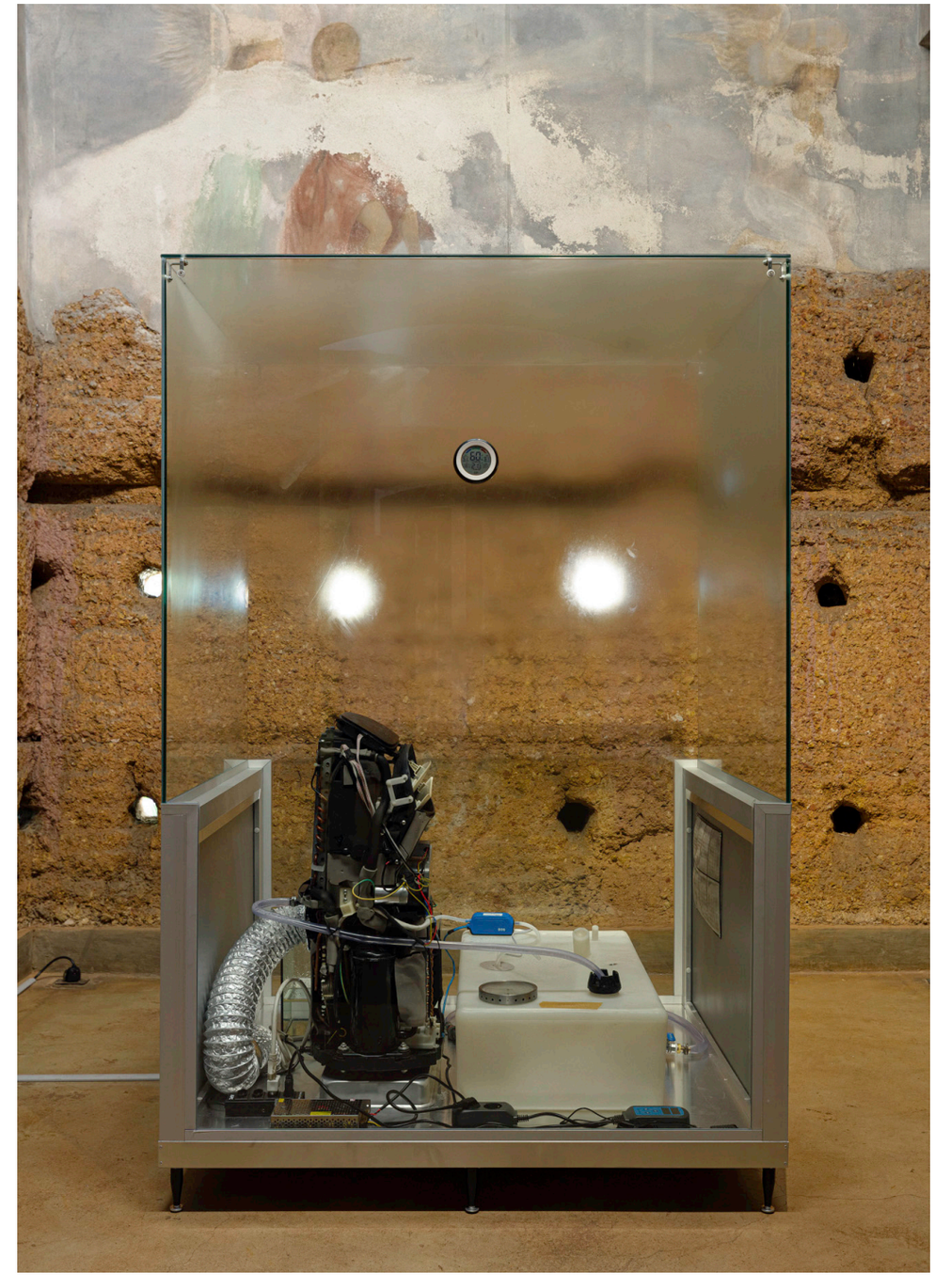
1886. É criada, pelo Presidente da Província, a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, em decorrência de necessidades dos cafeicultores paulistas. Desde 1880 o Brasil se tornara o maior produtor e exportador de café do mundo – posição que ainda ocupa. O ouro verde, como era chamado o café, tinha como única força de trabalho a mão de obra negra escravizada.

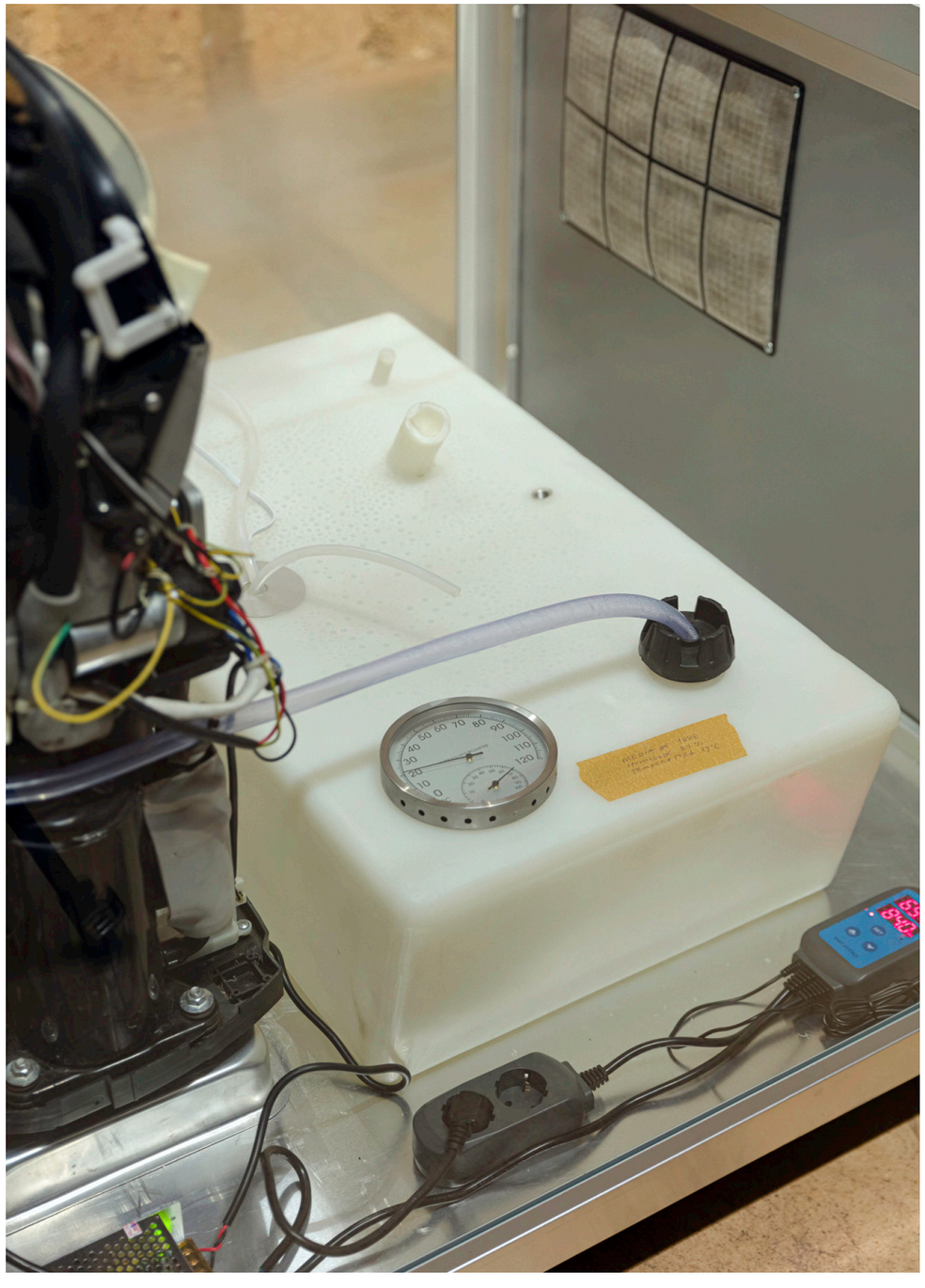
1888. Em 13 de maio é sancionada, pela princesa Isabel, a Lei Áurea (oficialmente Lei Imperial 3.353), abolindo a escravidão depois de mais de três séculos em vigor – o Brasil era o último país das Américas a manter a escravidão. O fim legal da instituição servil não foi, porém, um instante de reparação ou de inclusão da população negra e mestiça na sociedade brasileira. A data definiu o início de um novo e longo processo histórico de precarização das condições de vida e dificuldade de ascensão social dos escravizados recém libertos e seus descendentes.

1896. O químico sueco Svante Arrhenius (prêmio Nobel de química, 1903) apontou a queima de combustíveis fósseis como produtora de dióxido de carbono (CO_2) e calculou que a temperatura da Terra aumentaria 5°C com o dobro de CO_2 na atmosfera. Arrhenius foi um dos vários cientistas suecos que ajudaram a criar o Instituto Estatal de Biologia Racial em 1922, influenciados pela eugenia. Ele era membro do conselho do instituto, assim como da Sociedade Sueca de Higiene Racial fundada em 1909.

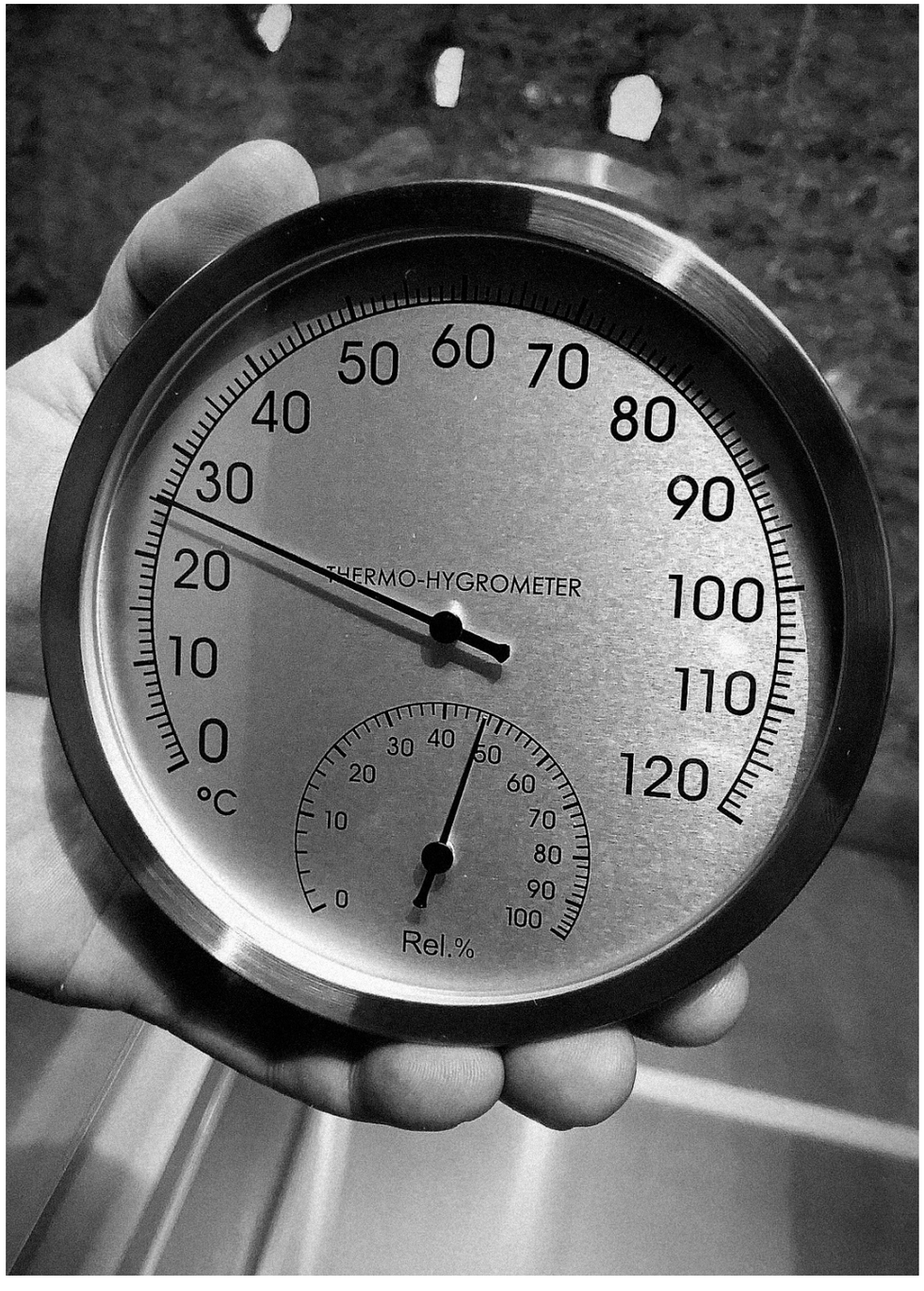
2021. Em documento assinado por 58 organizações da sociedade civil e universidades, como a Anti-Slavery International e o Freedom Fund, constata-se que “o trabalho escravo é frequentemente encontrado em setores destruidores do clima. Em muitas partes do mundo, modelos de desenvolvimento baseados no extrativismo e no agronegócio voltados para a exportação estão piorando a vulnerabilidade à escravidão moderna ao monopolizar a terra e recursos naturais” numa conexão intrínseca entre destruição das florestas e trabalho escravo. Por exemplo, o município de São Félix do Xingu (Pará) é um dos campeões nacionais em desmatamento, campeão nacional em número de operações de resgate de trabalho escravo e conta com um dos maiores rebanhos bovinos do País.










THERMO-HYGROMETER
°C
Rel.%



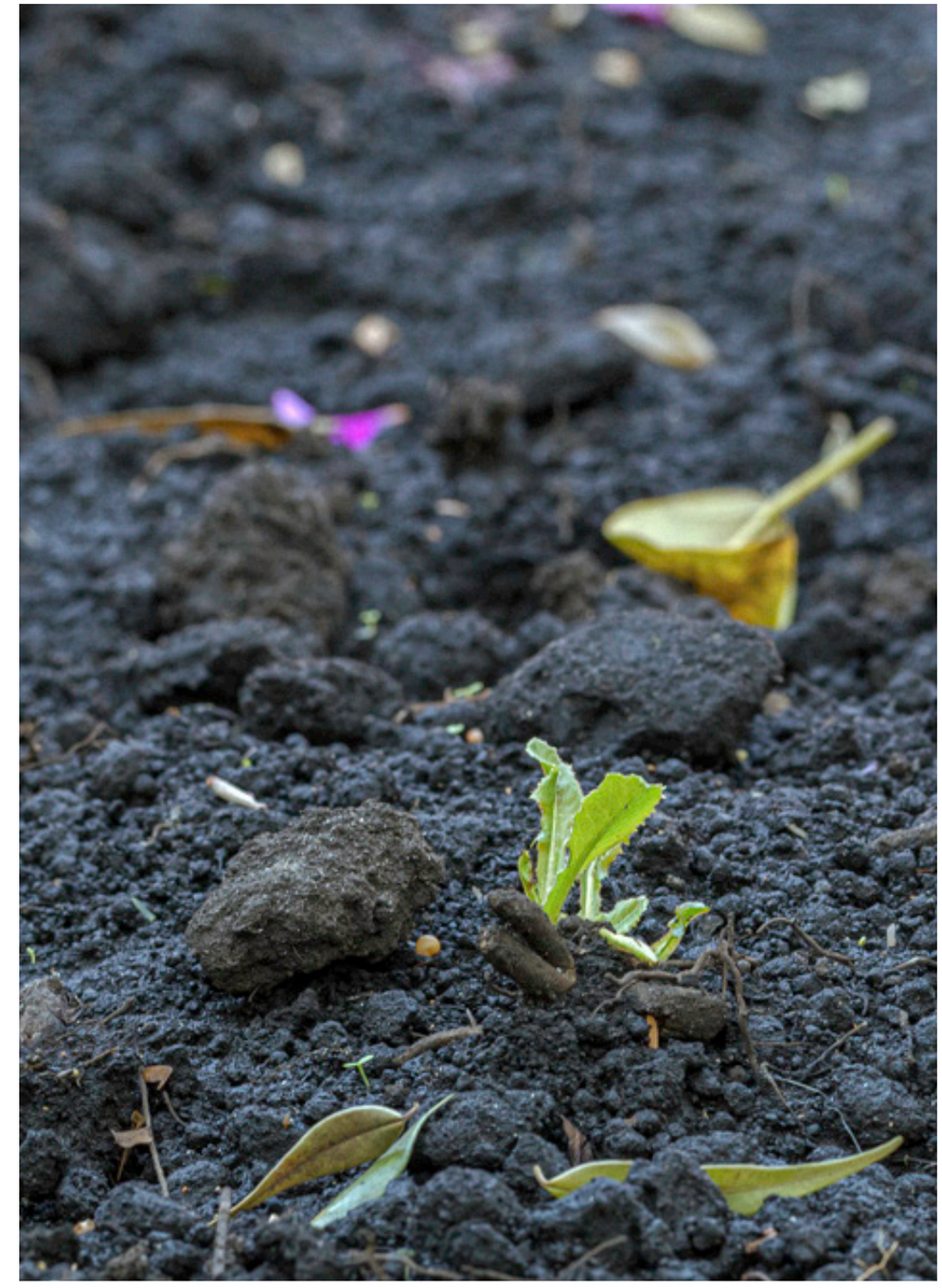
Capital Natural, 2024.
Canteiro de terra preta (Biochar, fertilizantes e insumos naturais), sistema de irrigação e sementes de plantas agrícolas, orgânicas, pioneiras, crioulas, ornamentais e originárias. Supervisão de Ana Kamitusji. 63.9 m2.

O termo Capital Natural é usado para descrever elementos da natureza que proporcionam benefícios importantes, chamados de serviços ecossistêmicos. A combinação de solos, espécies, comunidades, habitats e paisagens que oferecem serviços ecossistêmicos inclui ainda o sequestro ou remoção de CO2 da atmosfera, a proteção contra erosão do solo e risco de inundação, além de serem habitats para vida selvagem, para polinização e, por fim, espaços para recreação e bem-estar.

Embora o termo tenha surgido na década de 1970, há agora crescentes demandas para que o Capital Natural seja visto como um ativo econômico. A ONU vem pedindo aos governos que olhem para além do PIB e incluam a preservação em seus balanços econômicos. Diferente de outras fontes de capital, o Capital Natural não é produzido, mas existe disponível na natureza, sendo dividido em categorias renováveis e não renováveis. O capital renovável, ao contrário de outras formas de capital, é o capital que continua dando seus benefícios “indefinidamente”. Porém há um limite fundamental para esses ativos: caso esgotem seus estoques renováveis para além de um ponto de inflexão, a fonte de capital não se renova.

Segundo os ODS de longo prazo da ONU (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), a taxa de esgotamento do capital natural precisará corresponder à taxa na qual ele poderá se regenerar, caso contrário, os sistemas de suporte de vida de que precisamos da natureza se esgotarão.

A área agricultável no Brasil, segundo cálculo da Embrapa Territorial realizado em 2016, é de 63.994.479 hectares (7,6% do território nacional) e as unidades de conservação integral protegem 88.429.181 hectares (10,4% do território nacional).















Elaborado em ocasião da exposição

Patrimônio Incerto
Beto Shwafaty

Curadoria
Daniela Bousso

23 Junho - 20 Outubro 2024

Capela do Morumbi
Museu da Cidade de São Paulo
Av. Morumbi, 5387 - Morumbi, São Paulo / SP

Textos Daniela Bousso, Beto Shwafaty
Design Beto Shwafaty
Fotos Ana Pigosso, Beto Shwafaty, Ana Kamitsuji

